

CASTILHO (Julio de). — Memorias de Castilho. Coimbra. 1926-1934. 7 vols.
2.ª edição, 350 escudos.

Só agora me foi dado fazer a leitura desta obra, em verdade muito importante para a historia intima do romantismo português. Fora impressa antes, capitulo a capitulo, na velha revista coimbrã, *O Instituto*, durante muitos annos, o que tornava a sua leitura muito difficil. Nella conta o poeta e archeologo Julio de Castilho (1840-1919) a vida de seu pae, o poeta e apostolo da educação popular Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875). E fá-lo com toda a minucia, para o que procedeu ás mais escrupulosas investigações documentares, e com todo o carinho filial, que não exclue sua liberdade critica, num ou outro passo. A obra principia pela historia das origens da familia Castilho, que se forma em tórno de um professor de medicina de Coimbra. Castilho cegou aos seis annos, mas não deixou de se formar em direito canonico. Homem pobre, teve de lutar titanicamente pelo pão quotidiano. Casou duas vezes, uma por influencia do seu poema romantico *Cartas de Echo e Narciso*; mas foi o segundo casamento que foi fecundo de filhos, que vieram a illustrar-se em campos varios. Este cego era um sabio, um nobre poeta e um excellente educador. Como um dos três principaes obreiros do romantismo português, representa a sobrevivencia do espirito classico através do novo gôsto. Elle mesmo se orgulhava dessa influencia moderadora sobre os impulsos de rebeldia romantica. Seu filho procura demonstrar o caracter salutar dessa influencia. E fazendo-o, defende implicitamente a memoria do poeta contra os ataques da geração de 1865, que teve por chefe Anthero de Quental. A polemica litteraria de 1865-1866 teve por alvo principal destruir a hegemonia espiritual de Castilho. Tinha razão a gente nova, ansiosa de horizontes mais amplos que os que lhe proporcionava a obra de Castilho, toda ella de segunda mão, com uma grande mestria no dominio da expressão linguistica, mas sempre sem iniciativa creadora, como elle proprio reconhecia. Mas não é justa a condemnação que paira sobre toda a obra e toda a influencia do poeta, de que os historiadores do litteratura se fazem echo. O mesmo Anthero de Quental, que fóra seu discipulo no Collegio do Portico, se foi irreverente nas demasias polemicas de 1865, não deixou de rever as suas opiniões e juizos sobre Castilho.

A politica da litteratura romantica, o convivio das suas principaes figuras, a nobre lucta de um cego pela manutenção dos seus, a coragem dessa lucta, que o leva aos Açores e ao Brasil, o indefesso trabalho litterario feito através de secretarios e, principalmente, o enthusiasmo da sua campanha pela alfabetisação do povo e pela propaganda do *Methodo Castilho*, tudo se documenta com segurança nesta obra emocionante de Julio de Castilho, que nos obriga a respeitar a memoria do pae. Aquelle enthusiasmo chegou a communicar-se ás auctoridades officiaes e ao ambiente. Houve um momento em que o *Methodo Castilho* foi um grande problema e uma grande esperanza na vida portuguesa. Julio de Castilho, seu filho e biographo, conta-nos tudo, dia a dia, e acaba por tambem nos conquistar. Será necessario fazer uma revisão do processo historico de Castilho, cujos meritos serão diversos dos que lhe attribuem os seus apologistas, quando o irmanam com Garrett e Herculano, mas são muito maiores do que criam os seus adversarios de 1865 e os herdeiros da prevenção negativa dessa epocha. Aquelle nobre precedente de um poeta e humanista descer até ao povo mais humilde, para lhe communicar por um methodo rapido e ameno as luzes primeiras do saber, repetiu-se alguns decennios depois com outro poeta, o grande João de Deus, que concebeu tambem seu methodo e emprehendeu tambem seu apostolado. Não faltam methodos, nem apostolos de alta categoria ao povo português, como estes dois poetas; o que lhe tem faltado é a vontade decisiva dos governos.

A meu juízo, Castilho foi um pre-romântico retardatário. Até o seu entusiasmo por Gessner confirma este laudo. O pre-romantismo podia ser assimilado por leituras e longe das suas fontes, como foi por este poeta cego, no seu longo homizio em Castanheira de Vouga, no presbyterio de um seu irmão. E tem outro merito: durante a usurpação de D. Miguel (1827-1834), quando se achavam emigrados os melhores espiritos, elle, sósinho, representou a cultura litteraria de tendencia reformadora.

A obra, apesar dos seus sete volumes, só alcança o anno de 1854. Ora depois dessa data é que se dá o choque das gerações, o qual traria maior interesse historico á obra. Estranhando que Julio de Castilho houvesse deixado incompleta uma obra que tanto e tanto prezava, pedi informações ao meu amigo, Dr. Amadeu Ferraz de Carvalho, que foi quem se desempenhou da revisão desta edição posthuma, com inexcédível esmero. E do illustre professor chegou-me a seguinte resposta: a obra chegou a ser concluida pelo seu auctor, ainda que saltasse por cima de polemica de 1865-66; o que ficou incompleto foi a sua publicação; e esta, que estou noticiando, ainda mais incompleta que a publicação fascicular no Instituto. Também não se publicou o indice geral de assumptos e nomes, que o Prof. Ferraz de Carvalho pacientemente organisára. Mesmo incompleta, a obra tem uma grande importancia para o historiadador da litteratura. Esperemos que o Prof. Ferraz de Carvalho possa levar a bom termo o seu grande serviço.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

CORRESPONDENCIA EPISTOLAR ENTRE EMILIO HÜBNER E MARTINS SARMENTO (Arqueologia e Epigrafia) 1879-1899. Coligida e anotada por Mário Cardozo. Edição da Sociedade Martins Sarmento, subsidiada pela Câmara Municipal de Guimarães e pelo Instituto para Alta Cultura. Guimarães, 1947. XXI-329 pp. 102 gravuras, mapas e desenhos.

Sabíamos desde muito que o explorador de "Citânia de Briteiros", o arqueólogo português Martins Sarmento, de renome internacional, mantivera, por alguns anos, correspondência mais ou menos aturada com Emilio Hübner, Professor de Filologia Clássica da Universidade de Berlim, poliglota, arqueólogo, e epigrafista dos mais notáveis do seu tempo. Como não poderia deixar de ser, essas cartas trocadas entre personalidades scientificas de tal envergadura, constituem material subsidiário de incontestável importância científica.

Além disso, a correspondência em questão, divulgada recentemente em edição da "Sociedade Martins Sarmento", de maneira mais particular evidencia a valiosa colaboração daquele arqueólogo português a Emilio Hübner, principalmente a respeito da elaboração do vol. II do "Corpus Inscriptionum Latinarum", relativa ás inscrições romanas da Península.

Devemos frisar, também, que naquelas cartas estão encerradas noticias suficientes para a reconstituição de "todo um período" de estudo inerente á interpretação dos monumentos epigráficos lusitano-romanos aparecidos em Portugal.

Diz Jean Llomer, citado por Mário Cardozo, o erudito anotador das cartas que ora cuidamos, que "as Pessoas cultas compreendem e apreciam a utilidade das coleções de autógrafos, não só pelo vivo interesse que naturalmente